

**Artigo de S.E. Mevlüt Çavuşoğlu intitulado "What We Do Today Will Define Tomorrow" (O que fazemos hoje vai definir o futuro) publicado no "The Washington Times", 2 de Abril de 2020.**

**[Tradução não oficial para português do artigo inglês original]**

Depois de cada acontecimento cataclísmico, tende-se a pensar que o mundo nunca mais será o mesmo. Desta vez é verdade que, de certa forma, o mundo tem de mudar. A história global está carregada de tais pontos de viragem, sendo quase todos dolorosos. Há anos que fomos alertados de que uma pandemia pode ser tão cataclísmica. A parte da humanidade que vive no meio de guerras violentas, crises, fragilidade endémica, colapso do Estado e miséria humana, poderia ser perdoada por pensar que não poderia ser pior. Aqueles que vivem em regiões pacíficas e prósperas poderiam pensar que nada os poderia prejudicar e que estavam destinados a continuar a ter sorte. Mas uma pandemia é o que é; nenhuma sociedade, nenhum indivíduo pode esperar estar fora do alcance de um vírus mortal. Por conseguinte, distanciamos-nos dos outros, das bênçãos das interacções sociais. As infecções atingiram todos os continentes, excepto a Antárctida, os números correm para um milhão e irão certamente ultrapassá-lo, mais de um terço da humanidade tem ordens para ficar em casa, e a todas as vidas que já perdemos em números chocantes juntar-se-ão dezenas de outras. O custo económico desta pandemia também será assustador e poderá ser de longo prazo. O impacto nas fragilidades estatais existentes, na política e na segurança irá certamente sobrecarregar os governos de todo o mundo. Ainda não vimos a luz ao fundo deste túnel e não podemos esperar por ela. É um momento de reflexão, mas também de liderança e de acção.

O sistema global estava em farrapos mesmo antes de a humanidade ter sido atingida pelo coronavírus. A Turquia, por exemplo, tem vindo a defender que precisávamos de reformar o sistema. Chamámo-lhe "o mundo é maior que cinco", referindo a composição desactualizada do Conselho de Segurança das Nações Unidas, mas não parando por aí. Como um país que tinha de enfrentar conflitos intermináveis e a miséria humana na nossa vizinhança próxima e onde reside a maior população de refugiados do mundo, sabemos que o sistema não estava a funcionar. Em 2008, quando o mundo foi golpeado, naquela altura, pela pandemia económica, o G20 foi capaz de trazer um sentido de orientação e, conseqüentemente, estabilidade à economia mundial vacilante. O sistema tinha funcionado então, mas graças, em grande medida, a um actor global

relativamente novo. Também desta vez temos de nos preparar para um impacto económico semelhante e maciço e assegurar que o sistema funcione, mesmo que façamos as correcções e substituições necessárias.

A principal prioridade é proteger a saúde e a segurança das pessoas contra a COVID-19. Apoiamos a declaração oportuna do G20 através da qual os líderes se comprometeram a agir solidariamente na luta contra a pandemia e a salvaguardar a economia global e o comércio sem restrições. A extensão dos acordos SWAP tem sido uma das medidas significativas acordadas pelo G20. Congratulamo-nos com o facto de a nossa proposta de formar um Grupo de Coordenação de Altos Funcionários ter sido aceite pelo G20, visto que temos de coordenar estreitamente questões como a gestão das fronteiras e o repatriamento de cidadãos. Agradeço ao Canadá por ter apresentado ideias iniciais sobre as suas modalidades. O G20 está novamente a provar ser o formato certo na gestão global de crises.

Vários países estão também a tomar medidas individuais enérgicas, incluindo a Turquia. No entanto, os esforços individuais não seriam suficientes. Um desafio global exige uma resposta global, primeiro na frente da saúde pública e depois na economia, e, a longo prazo, na reforma das instituições internacionais e na forma como os países as apoiam. As instituições internacionais relevantes devem assumir um papel eficaz na assistência financeira e na assistência em matéria de equipamento médico. A protecção das comunidades frágeis, dos migrantes irregulares e dos refugiados e o apoio aos países de acolhimento são agora ainda mais importantes. As redes globais de abastecimento e as transferências de carga devem funcionar sem entraves. As sanções, enquanto instrumento de política bruta, devem ser avaliadas do ponto de vista humanitário. Muitas sanções, incluindo as que são aplicadas contra o Irão, prejudicam apenas o povo iraniano, mas também os seus vizinhos. Numa altura de pandemia, este risco é ainda maior. Os países em desenvolvimento e menos desenvolvidos, nomeadamente em África, não devem ser deixados para trás.

Um tema transversal na tão necessária resposta global é acabar com os conflitos que causam enormes prejuízos aos seres humanos, ao ecossistema, à economia e à nossa consciência. Apelamos, pois, à comunidade internacional para que abandone todos os conflitos, cesse as hostilidades e procure seriamente o diálogo e a reconciliação, inclusive no Médio Oriente. As competições geopolíticas e as queixas políticas fazem pouco sentido quando o mundo luta pela sua própria saúde e sabe que todos sofrem. Este apelo não

pode passar despercebido, se todos nós aproveitarmos um momento para o apoiar a nível mundial.

Esta geração de líderes está, de facto, a definir o futuro da ordem mundial através das decisões que tomam hoje no que respeita à pandemia. As sementes que hoje semeamos confrontar-nos-ão em breve como uma realidade plena. A realidade de um sistema global baseado em regras, uma rede de Estados-nação que funcionam e que são resistentes e responsáveis, economias que não deixam ninguém para trás e beneficiam todos, apoiadas por organizações internacionais adequadas, todas elas centradas no bem-estar das pessoas, independentemente da sua nacionalidade, fé ou raça, pode estar ao nosso alcance. Porque as missões alternativas não são significativas, mesmo prejudiciais para o bem comum. E assim pode haver um legado positivo desta pandemia, apesar de toda a dor que ela tem causado, se todos nós optarmos por concretizá-la. Fique em casa e seja prudente .